

## O PEQUENO E O GRANDE COMÉRCIO \* (Elementos Teóricos)

Tuiti Tamandaré de Lima \*\*  
Sócio da AGB – SP

Procurar entender o pequeno comércio frente ao Grande Comércio no Capital Monopolista é deveras interessante. Isso passa pela questão do **Desenvolvimento Desigual no Capitalismo**, conforme apresentado e discutido por Lênin, Rosa Luxemburgo e Leon Trotsky.

As questões que envolvem as relações entre Grande e Pequeno Comércio procuram desnudar os liames da articulação entre a Circulação e a Produção na formação sócio-econômica no Brasil.

Sabe-se que o desenvolvimento do Capitalismo, na etapa monopolista, coloca questões eminentemente políticas; conseqüentemente tentar superá-la exige processos eminentemente **políticos**.

O pequeno Comércio se insere no contexto do Modo Capitalista de Produção que não está subjacente apenas à Produção, mas também à **Circulação de Mercadorias**, uma vez que a mais valia é **criada na Produção e realizada na Circulação** dessa mesma mercadoria.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1981 p. 6), diz que:

*“é a partir dessa realização (na Circulação) que se pode dar a distribuição dos frutos da produção; distribui-se a parte correspondente à remuneração do Trabalho executado pelos Trabalhadores e **contido na Mercadoria**; distribui-se o pagamento das matérias-primas e auxiliares; distribui-se aquele correspondente ao desgaste dos meios de produção utilizados no processo da produção; e por fim a fatia referente à mais-valia que é produto da exploração do Capital sobre o Trabalhador”.*

Percebe-se assim, portanto, que o **Pequeno Comércio** é parte constitutiva de um Sistema Maior (O Modo Capitalista de Produção) que sofre, entretanto, desenvolvimento desigual dado aos fatores que nele se acham implícitos, embora não o impeçam de constituir-se em **empresas**.

Surge aqui um conflito: O renomado pesquisador Manuel Castells, ao estudar o Centro Urbano e apresentar a desconcentração e descentralização da função comercial (desse centro), propõe que:

*“a desconcentração geográfica da função comercial não faz mais do que exprimir a nível de implantação, a **desaparição do pequeno comércio**, substituído por cadeias de grandes armazéns com especialização técnica, social e espacial da gestão e da venda, standardização dos produtos e partilha proporcional dos espaços de influência no que toca à distribuição” (Castells, Manuel, 1975, p 197)*

Como então explicar a sobrevivência desse Pequeno Comércio frente ao Capitalismo Monopolista do Século XX ? Quem é esse **pequeno comerciante** que sobrevive às forças e aos impactos do Capitalismo Monopolista?

\* Este trabalho foi realizado como instrumento parcial de avaliação da Disciplina Planejamento Urbano como término do curso de Bacharelado nas Faculdades Camilo Castelo Branco, em 1986. Ele foi integrado a um trabalho mais amplo realizado pelos demais alunos da referida disciplina.

\*\* Professor de Geografia Humana das Faculdades “Camilo Castelo Branco” Itaquera – S.P. e sócio da A.G.B.

Seja qual for a resposta a estas questões, ressalta-se que a força de impulsão do capital monopolista no Brasil "permite" tal co-existência e até a reproduz em função do mecanismo de acumulação que dirige o rumo do sistema.

Assim, seria ingênuo desconsiderar a importância da esfera da realização de acumulação e taxa de lucro desse setor (pequeno comércio); como também seria desatenção esquecer as análises das inter-relações setoriais da estrutura econômica e o movimento do capital mercantil e financeiro ao longo da economia brasileira.

É aqui que Milton Santos (1979 – ao estudar a Pobreza Urbana), ajuda a esclarecer, com sua tese do chamado Circuito Inferior, ao afirmar:

*"a economia urbana da pobreza, isto é, o circuito inferior, é explorada pelo outro setor através das condições do comércio... a provável função essencial do circuito inferior é "difundir" O Modo Capitalista de Produção entre a população pobre através do "consumo" e "absorver" para o Circuito Superior a "poupança e a mais valia" das unidades FAMILIARES, por intermédio da máquina financeira, de produção e de consumo" (Santos, Milton, 1979, p 57)*

Nossa reflexão é esse Pequeno Comércio. Como ele opera e a serviço de quem ele existe. (1)

Milton Santos, ao citar Quijano (Santos Milton, 1979, p 49), no estudo do atual processo de reestruturação das classes sociais urbanas, classifica três grupos principais: o assalariado marginal, o proletariado marginal e a **pequena burguesia marginal**. Esta última, devido à qualidade marginal de seu papel no Sistema, foi levada a uma vida pequeno-burguesa; artesãos, fornecedores de serviços de pequena escala, **pequenos comerciantes**, cuja posição na sociedade é diferente da do setor de assalariado médio, também classificado sob a denominação de pequena burguesia.

A tendência desses três grupos (Assalariado Marginal, Proletariado Marginal e Pequena Burguesia Marginal) é basicamente para a concentração destas duas linhas de **ocupação**: a da pequena burguesia (onde se insere o pequeno comerciante) e a do proletariado marginal (que, razoavelmente vai formar o considerável setor da clientela do pequeno comércio). Com a modernização, essas duas tendências se impõem. A economia concentra-se ao mesmo tempo em que o êxodo rural se acentua. Com a oferta de emprego em baixa relativa, "a **instalação** em atividades de tamanho reduzido, por conta própria, torna-se uma solução", propõe Milton Santos (1979 a, p 174).

Uma vez identificada a origem do Pequeno Comerciante, prossigamos à questão: como opera o pequeno comerciante.

Novamente nos apoiamos em Milton Santos (1979 b):

*"Esse 'polo marginal da economia' (Quijano, 1971, pg 318), também chamado terciário primitivo (J. Beaujeu Garnier, 1965) ou terciário refúgio (D. Lambert, 1965), é um elemento fundamental da vida urbana nos países subdesenvolvidos, por seu papel de abrigo da população pobre migrante ou originária da cidade que só raramente pode consumir e trabalhar no Circuito Moderno" (Santos, Milton, 1979 b, p 158); vivendo parte consideravelmente grande de sua existência, senão toda, nos liames do Circuito Inferior da Economia, onde entra um número considerável de pessoas, dado a "necessidade de uma só pequena (não tão pequena assim, se comparado com o poder aquisitivo do assalariado) soma de dinheiro e poder apelar para o crédito (pessoal) concedido em dinheiro ou em mercadorias; não sendo, inclusive necessário experiência anterior e de fácil escape ao pagamento de impostos" (idem, p 164).*

(1). Para uma análise descritiva recomendamos a leitura de Milton Santos, 1979 b, 3ª parte.

Caracterizando-se pelas pequenas dimensões de seu negócio; às vezes, reduzidíssimo espaço físico (2), capital, até mesmo redutível, estoques de mínima quantidade; poucas pessoas ocupadas nos estabelecimentos, geralmente familiares; e pela jornada intensiva de trabalho, isso tudo lhe permite aumento de produção sem que haja necessidade de mobilizar mais capital de giro.

A multiplicidade de pequenas empresas, familiares ou individuais, oferece à população pobre grande **número de emprego**, embora **cada unidade**, de per si, possa oferecer poucas oportunidades; acontece, também, muitas das vezes, de ser só o proprietário quem assume, ao mesmo tempo, a direção, o capital e o trabalho.

Abastecendo-se ora do atacadista ora diretamente da fábrica, nem sempre dispõe de meios financeiros que lhe possibilite buscar a produção in loco. Sua capacidade de armazenamento é pequena, com pequeno estoque para atender sua clientela que, no dia a dia, compra pequenas quantidades. Quando possui caminhão, essa situação melhora.

Bastante fundamental é a questão do **Crédito**, que se torna indispensável tanto ao pequeno comércio quanto ao consumidor. Com ele, muitas vezes, o pequeno comerciante ingressa no mercado ou se mantém no negócio, enquanto o consumidor, por ele, tem acesso ao consumo, mesmo que não possua renda fixa e garantida. Tomando a mercadoria por trinta ou mais dias para pagar, movimentando sua receita sem muito aperto. O consumidor final representa **dinheiro líquido** mesmo com os "créditos pessoais" em escalas pequenas. Essa circulação permite a **monetização** e acentua a **acumulação**. (3)

A rapidez da circulação do dinheiro é facilitada pelo número elevado de intermediários e de agentes que trabalham no "circuito inferior" e, por outro lado, permite que um grande número de pessoas tenham um ganha pão e possa consumir. Mas, se o capital circula, há pouca acumulação (diz J.M. Bray, 1969, pág 544, citado por Santos, Milton, 1979 b, p 183) e as pessoas continuam pobres. Pobres a serviço do grande comércio onde se dá a verdadeira acumulação.

Seu lucro está diretamente ligado ao conjunto de suas vendas. O fracionamento da mercadoria lhe possibilita a majoração espantosa dos preços que castiga principalmente o consumidor mais pobre que tem que comprar na ponta extrema da cadeia de intermediários. Desemboisa mais, por não ter dinheiro para sua subsistência. (4)

Mas de modo geral o endividamento é uma situação generalizada.

Fazendo frente a isso, encontra formas correntes de superação. É o que Milton Santos chama de "comércio triangular". Visita diferentes lugares onde compra bem mais em conta para vender com melhor margem de lucro. Procura liquidações, vendas promocionais, fim de estoques, etc. Também participa de "associações de ajuda mútua" (onde recolhe cotas a um fundo comum e remete a soma a um deles, o que possibilita, tendo esse fundo em mãos, comprar quantidade maior e a bom preço de ocasião). Esse mecanismos permitem certa

(2) Diz E. T. Hall (1969, pg 70) "Um homem pode instalar um comércio numa venda de bambú não maior que duas cabines de telefone" (citado por Milton Santos, 1979 b, p 170).

(3) Engberg (1967, pág. 52-53), afirma que o aumento da relação entre dinheiro líquido em circulação e o estoque monetário seria um resultado da expansão da economia monetária sem uma extensão concomitante do aparelho bancário. (citado por Santos, Milton, 1979 b).

(4) David Harvey, - diz: - "Somente quando os indivíduos regulam sua alocação de recursos produtivos, seus níveis de produtos e hábitos de consumo aos movimentos dos preços é que o mercado se torna um modo de integração econômica" (Harvey, D. 1980).

**acumulação** de capital que não se consegue com o sistema bancário moderno, e que, é, ao mesmo tempo, responsável por certo crescimento registrado, aumentando, inclusive, o nível de emprego, contribuindo para o crescimento da economia.

Seu papel fundamental é abastecer a camada representativa do proletariado marginal, setores do proletariado e até mesmo parcela significativa da pequena burguesia, cujo número é grande e que, uma vez fora do grande sistema, representaria um impedimento à expansão da acumulação do Capital Monopolista. Situando-se entre sua clientela e o grande capital, é mantido pelo planejamento urbano e institucionalizado em empresa pelos agentes e órgãos governamentais. Corrobora com os hábitos da fragmentação de compra e venda, num eixo de permanência da distinção das classes sociais e na fixação da imagem urbana local. (5)

O resultado econômico da atividade do pequeno comércio é apropriado pelo grande sistema à semelhança da apropriação da renda da terra e do uso do solo pelo capital, pois sua existência representa um baixo custo social com alta renda política. É continuidade do processo de produção de mais valia.

Ele é, ao mesmo tempo, vítima e promotor de controle social. Vítima porque sempre dependente. Promotor porque reproduz o Modo de Produção Capitalista entre o consumidor, que, por sua fragmentação (na venda), representa um **custo** que **barateia a força de trabalho** dessa grande parcela da sociedade, cujo orçamento doméstico, habitualmente, é pensado em poucas dimensões. É, ao mesmo tempo, vítima e reproduz dos mecanismos do capital.

**Existe** porque se insere num espaço com acúmulo de tempo desigual, onde (ainda) permanecem (algumas) práticas mercantilistas convenientes ao grande capital; **sobrevive** porque representa **acumulação** e isso expande a prática capitalista; **coexiste**, porque **enxuga, limpa, extrai, absorve** a microeconomia de sua clientela, apropriada ao grande capital que o mantém subjugoado aos ditames das leis de mercado, uma vez que é nele, o grande capital, que o pequeno comércio se **abastece** direta ou indiretamente; que é dele que se **aproveitam as formas institucionalizadas** de Mercado; e, que é com ele e a partir dele que se reparte a mais valia gerada na produção capitalista.

O pequeno comércio se apropria de parcela da mais valia da produção e o grande capital se apropria do excesso de trabalho, a custo baratíssimo, do pequeno comércio.

Assim, o pequeno comércio se presta às importantes funções:

- a- a de manter a imagem urbana periférica;
- b- a de sustentar a pobreza;
- c- a de manter a "impressão" de baixo custo no consumo;
- d- a de "elo controlador" entre o Capital e sua clientela descapitalizada, que fica descapitalizada ainda ao se utilizar desse pequeno comércio, uma vez que não tem acesso ao grande comércio.

Prestando-se a esses ofícios, enquanto houver pobreza, teremos o pequeno comércio, e queira ou não, o pequeno comerciante, hoje, participa do processo global da economia capitalista nos países subdesenvolvidos.

(5) Manuel Castells diz: - "O Planejamento Urbano pode definir-se em geral como a intervenção do sistema político sobre o sistema econômico a nível de um conjunto sócio-espacial específico, intervenção encaminhada para regular o processo de reprodução de força de trabalho (consumo) superando as contradições postas no interesse geral da formação social cuja subsistência procura assegurar". (Castells, Manuel, op. cit, p 223).

Assim, ficamos com Marx ao afirmar que as pequenas fábricas e o Pequeno Comércio também são capitalistas:

*"Como proprietário dos meios de produção ele é um capitalista. Como trabalhador ele é seu próprio trabalhador assalariado. Assim, como Capitalista, ele paga salário a si próprio e extrai lucro de seu capital, isto é, ele explora a si próprio como trabalhador assalariado e, na forma de mais valia, paga a si próprio esse tributo que o Trabalho deve pagar ao capitalista". (K. M., O Capital, Livro I, Parte II, cap. 4)*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, MANUEL** (1975) **Problemas de Investigação em Sociologia Urbana**. São Paulo, Brasiliense.
- HARVEY, DAVID** (1980) **A justiça social e a cidade**. São Paulo, Hucitec.
- OLIVEIRA, ARIIVALDO UMBELINO** (1981) – Agricultura e Indústria no Brasil. São Paulo, **Boletim Paulista de Geografia** nº 58.
- SANTOS, MILTON** (1979a) **Pobreza urbana**. São Paulo, Hucitec.
- SANTOS, MILTON** (1979b) **O Espaço dividido**. São Paulo, Francisco Alves. Tradução de Myrna T.R. Viana.

#### RESUMO

Explicar a sobrevivência do Pequeno Comércio frente ao Capitalismo Monopolista do Século XX e identificar os mecanismos e as razões dessa sobrevivência é o que se pretende nesse trabalho.

#### RÉSUMÉ

Cet'article veut expliquer la survivence du Petit Commerce face au Capitalisme Monopoliste du XX<sup>ème</sup> siècle et identifier les mecanismes et les raisons de cette survivence.

#### ABSTRACT

This paper tries to explain the survival of the Little Commerce within the Monopolistic Capitalism of the 20th century and also the forms and reasons of this survival.